

## FARMÁCIA VIVA – ANÁLISE DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS COMUNIDADES SERRINHA E PIRANHAS IBIARA - PB

Kayo da Silva Jacobino; Jocimario Alves Pereira; Sonaria Araújo da Silva; Everton Vieira da Silva.

*Universidade Estadual do Ceará – kaiojacobino@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba – mario.alves\_@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba – sonaria\_araujo@outlook.com; evertonquimica86@gmail.com*

### **Introdução**

Na cultura popular brasileira uma atividade bem corriqueira é uso da fitoterapia que de acordo com De Rezende e Cocco (2002, p. 283) “é a manipulação de plantas para combater enfermidades”. O uso de plantas com fins medicinais tem grande valor cultural e conseqüentemente simboliza-se pelo conhecimento passado de geração em geração. O Nordeste do Brasil historicamente por ser o berço do país, traz enraizado em suas comunidades o uso de plantas com fins terapêuticos.

Em sua maioria os estudos ficam atreladas as regiões de maior centralização (comercial, econômico ou educacional), o que leva a falta de informação de pequenas cidades ou comunidades, não levando possibilidades de desenvolvimento das mesmas, que pode gera sua extinção através de migração. Diante do exposto esse trabalho tem o objetivo de realizar um levantamento nas comunidades rurais Serrinha e Piranhas do município de Ibiara - PB, sobre o uso de plantas medicinais, e a relação cultural e social na faixa etária e do papel da educação no uso etnobotânico das comunidades rurais.

### **Metodologia**

Esse trabalho foi desenvolvido nas comunidades Serrinha e Piranhas, no município de Ibiara -PB, de forma exploratória com entrevistas aos moradores das comunidades, assim como um levantamento bibliográfico para relacionar os dados e dessa forma realizar uma análise qualitativa e quantitativa do uso da fitoterapia. Aferindo quais plantas e qual frequência são utilizadas, relacionando com as características dos entrevistados.

A entrevista será semiestruturada com perguntas objetivas e discursivas, possibilitando maior interação entre entrevistador e entrevistado, indo a encontro do pensamento de Boni e Quaresma (2005, p. 75) que afirma “este tipo de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos”.

### **Resultados e discussão**

Na pesquisa abordamos 15% (23 pessoas) da população das duas comunidades, dentre desse corpo amostral pouco mais de 17% são jovens entre 18 e 29 anos, cerca de 30% pessoas com idade entre 30 e 40 anos, 4% na faixa etária de 41 a 50 anos, mais de 26% entre 51 e 60 anos, e menos de 22% com mais 60 anos. O corpo amostral demonstra uma grade heterogeneidade de gerações garantido uma visão diversificada sobre a temática.

Nessa miscigenação de geração analisamos o grau de escolaridades dos entrevistados, demonstrou que 13% são analfabetos, pouco mais de 47% não terminou o ensino fundamental, menos de 9% terminou ensino fundamental e pouco mais de 30% concluiu ensino médio, sendo dentro da parcela amostral nenhuma pessoa com ensino superior. Esses dados preocupam, já que a comunidade fica próximo (6 km) à sede do município, o que deveria ser fato impulsionador na formação acadêmica da comunidade.

Cerca de 78% dos entrevistados já fizeram uso de plantas medicinais para fins terapêuticos, porém demonstrou que mais 21% dos entrevistados nunca usaram fitoterapia. Sendo um número expressivamente maior que o diagnosticado por Souza e seus colaboradores em 2013 na cidade de Campina Grande – PB e o identificado pela OMS em países desenvolvidos, que respectivamente são 8% e 15% (SOUZA *et al.* b, 2013).

Os entrevistados citaram, abacate (*Persea americana*), malícia (*Mimosa pudica L.*), aroeira (*Schinus terebinthifolius*), quebra pedra (*Phyllanthus niruri*), angico (*Parapiptadenia rigida*), marmeleiro (*Croton sonderianus*), pimenta malagueta (*Capsicum frutescens*), boldo (*Peumus boldus*), malva (*Malva moschata*), hortelã (*Mentha*), romã (*Punica granatum*), noni (*Morinda citrifolia*) e mastruz (*Dysphania ambrosioides*). Todos citaram a produção de chás dessas plantas, tendo como ingredientes desde suas folhas, cascas e até raízes, sendo indicados para as mais diversas enfermidades, como problemas nos rins, problemas de garganta, problemas intestinais, inflamações diversas e até mesmo o câncer.

Ficou constatado na parcela estudada que o grau de escolaridade não influencia o uso ou não uso de plantas medicinais, e nem a idade, elementos importantes, porque garante a perpetuação do conhecimento, independente dos fatores citados. Quando questionado onde adquiriram esse conhecimento sobre plantas medicinais, as respostas seguiram duas linhas a família (com 77%) e com pessoas mais velhas da comunidade (com 33%), sendo a oralidade o único canal de transmissão. O que nos faz refletir sobre o destino desses conhecimentos, como estão sendo geridos.

Apesar de pouco mais de 21% não fazer uso de plantas medicinais, todos os entrevistados concordam que a fitotecnia é um bem imensurável no combate de doenças, principalmente as mais

graves, em que os medicamento se tornam onerosos a economia das famílias. E que esperam que haja maior divulgação desse conhecimento, principalmente de plantas de sua região.

Os entrevistados relataram a importância do saber popular citando o valor popular dos rezadores, que faziam uso de sua fé e da medicina popular para cura de vários males, porém hoje esse ser não é encontrado facilmente, sendo que nas duas comunidades não há nenhum rezador atualmente. A comunidade se preocupa com papel da escola, que deveria ter maior participação na comunidade e nos valores da mesma, um agricultor cito um projeto de um professor da cidade que fala de plantas medicinais e que os alunos foram visitar seu sítio, “*ficaram encantados com a diversidade de plantas que tenho*”.

Por fim alguns entrevistados afirmam que a escola está perdendo seu valor, professores desvalorizados, e que os conhecimentos aprendidos nas escolas não estão fazendo os jovens desenvolver, como eram antigamente, sabemos que o mundo está mudando, mas as mudanças deveriam trazer maior qualidade de vida as comunidades.

### **Conclusões**

As duas comunidades rurais do município de Ibiara-PB, possuem um valioso conhecimento e prática de uso de plantas medicinais, porém evidenciamos que o número de plantas usadas na comunidade são poucas se comparamos com a diversidade da flora local, e do potencial de produção de outras plantas. A comunidade espera maior participação das escolas no processo de manutenção e expansão da cultura local.

Diante dos resultados, esperamos que os trabalhos com fitotecnia se multiplique, e que haja mais estudos sobre o valor medicinal das plantas da caatinga e que esses trabalhos sejam passados para as populações das comunidades agrícolas, demonstrando que seu conhecimento popular tem respaldo científico.

**Palavras-Chave:** Farmácia Viva; Sustentabilidade; Educação Ambiental.

### **Referências**

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

DE REZENDE, Helena Aparecida; COCCO, Maria Inês Monteiro. LA UTILIZACIÓN, DE LA FITOTERAPIA EN. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Rev Esc Enferm USP**, v. 36, n. 3, p. 282-8, 2002.

SOUZA, C. M. P. *et al.* Utilização de plantas medicinais com atividade antimicrobiana por usuários do serviço público de saúde em Campina Grande–Paraíba. **Rev Bras Plantas Med**, v. 15, n. 2, p. 188-93, 2013.